

Filha de cantores quis ser bailarina, bailarina feita tornou-se cantora. Empurrada por músicos como Pedro Jóia, Adriana Queiroz gravou o seu primeiro disco. *Ariadne* é o espelho de uma voz que dança.



Adriana Queiroz

Uma voz que dança

Nuno Pacheco

Os que a viram como bailarina no Ballet Gulbenkian ou na Companhia Olga Roriz talvez não a imaginassem a cantar Brecht, Weill, Brel, Ferré ou Gainsbourg. Mas acabou por ser a vida a ditar-lhe tais passos. Nascida em Novembro de 1963, filha dos cantores Tomé de Barros Queiroz e Mimi Gaspar, ele tenor e ela soprano, Adriana Queiroz teria seguido a senda familiar não fosse a sua vontade de ir por outro caminho. “Se calhar eu podia cantar desde pequena, mas não quis seguir o mesmo caminho dos meus pais. Além deles, a minha tia era cantora de ópera, o meu avô, a minha bisavó cantavam. Eu era a criança que pedia às pessoas para falarem mais baixo porque toda a gente falava muito alto lá em casa, nos restaurantes, tinham todos vozes muito grandes e aquilo fazia-me confusão. Disse, logo desde pequena, que queria ser bailarina. Mas punha-me a ver ópera durante horas, o que não era normal numa criança de quatro anos”, conta ao Ípsilon. “Acho que tive necessidade de fugir aos meus pais. Fui para França aos 17 anos e saí de casa aos 18. Disseram-me que em Portugal eu nunca havia de ser bailarina e não aceitei. Era mais gorda e fiz um tratamento para emagrecer. Um ano mais tarde fui aceite pela mesma pessoa que me disse que nunca seria bailarina em Portugal.”

Ingressou no Ballet Gulbenkian em 1988, sob direcção de Jorge Salavisa, e chegou a primeira-bailarina em 1993, saindo em 1998 para depois colaborar com a Companhia Olga Roriz. Entretanto fez teatro, participou em filmes, desmultiplicou-se. Um dia, num ensaio de *A Sagração da Primavera*, parte do seu mundo desabou. De tanto fazer um movimento de chicote com o pescoço, feriu gravemente a espinal medula. “O médico só me dizia: você teve um acidente de automóvel”. Persistência e coragem ditaram-lhe os passos seguintes. Seis meses de repouso permitiram que a ferida sarasse, mas o bailado com movimentos arriscados estava fora de questão. Entretanto, chegara à música por via da palavra. “O gesto, o corpo, é a minha forma de comuni-

cação por excelência. Mas houve uma altura, aos 26, 27 anos, que um amigo meu, João Grosso, um extraordinário actor e declamador, me deu a conhecer os nossos poetas e fiquei fascinada pelo mundo da palavra, já não me chegava transmitir emoções só pelo corpo.” Isso levou-a a usar a voz, contrariando a negação de infância. “Comecei a fazer concertos. Kurt Weill primeiro, Brel depois. Concertos mais teatrais, com uma linha dramática.”

Depois veio o desafio seguinte: um disco. Pedro Jóia viu-a cantar inúmeras vezes nesses espectáculos. E quando um dia ela lhe perguntou se conhecia alguém que pudesse fazer a produção ou a direcção musical de um disco, disse-lhe sem hesitar: “Eu”. Começou aí a aventura. Com condições de parte a parte. Ele queria muito que ela gravasse *Alfonsina y el mar* (o que ela fez) e ela sugeriu incluir *India song*, de Duras, que vinha do seu (francófono) espectáculo *Tempo*.

O fio de Ariadne

O resultado foi um disco com cinco originais e sete versões, entre elas duas de Sérgio Godinho (*A noite passada* e *Balada da Rita*) e duas de Fausto (*Lembra-me um sonho lindo* e *Rosalinda*). Com uma equipa musical de luxo: Pedro Jóia (guitarra), Filipe Raposo (piano, acordeão), Yuri Daniel (contrabaixo e baixo eléctrico), Mário Delgado (guitarra eléctrica), Vicky (percussões), Edu Miranda (violão e cavaquinho), Mário Garnacho (teclados). Além de Luanda Cozzeti, segunda voz em *Ícaro*, um original de Pedro Jóia (os outros originais tiveram assinatura de Amélia Muge, Manuel Paulo e Tiago Torres da Silva). “Estas músicas foram ensaiadas já em estúdio, o que é para mim uma descoberta. Todo o disco é, aliás, fascinante, porque eu sou uma mulher de palco e de repente encontro-me com músicos extraordinários entre quatro paredes e a ter de transmitir emoção por meio de cabos e fios.”

Espectáculos de canto, Adriana já estreara três: *NOW* (2009), *Às Voltas* (2010) e *Tempo* (2011), paralelo à gestação do disco. Quando teve o acidente tinha 46 anos, hoje tem 49.

“*Tempo*, o espectáculo, vem de uma catarse dessa solidão. E o disco foi feito comigo deitada num sofá. O conceito de disco é tanto meu como do Pedro. Passei duas ou três semanas a ouvir os temas que ele me passava.” Chamou-se *Ariadne* porque Luanda, em conversa com ela, teimou que havia de ter um título e que aquele era o melhor. Adriana conformou-se rapidamente: “O fio de Ariadne é, em matemática, aquela solução para o que não tem solução. Portanto, como não tinha solução nem tinha nome, ficou *Ariadne*.” Mas podemos encontrar outra razão, subliminar. *Ariadne*, música de Pedro Jóia com letra pedida a Amélia Muge, acaba por ser um retrato de Adriana (o nome, aliás, é quase um anagrama do seu): “Quando falei com a Amélia, a ideia que lhe passei, e por isso acho que é um bocadinho um auto-retrato o que ela fez, foi a sensação de queda e de voltar a andar, esta sensação de reinvenção a que fui obrigada por mim mesma.”

Há outra referência à mitologia no disco, também de Jóia: “O tema *Ícaro* é a menina dos olhos do Pedro, é a primeira vez que ele escreve uma letra. E é bastante difícil de cantar. Ele compõe para voz como quem dedilha, e é alucinante.” Adriana, que resiste a ouvir-se cantar, tem nos pais vozes atentas e críticas do seu trabalho: “A minha mãe era sopraniíssima, eu tenho mais a voz do meu pai, mas ele não gosta dos meus agudos.” Cantar, aliás, é para ela apenas uma parte da sua actividade como artista. “Sou uma mulher de palco, uma intérprete. Estou a tentar aprender piano, vou fazer *workshops* de música, porque não aguento, sinto que com a solidão estagno. Sem partilha, a estagnação é total.”

No futuro, o que Adriana Queiroz quer fazer extravasa o canto mas não o exclui: “Vou ficar muito contente quando conseguir estar em palco a fazer as três coisas que eu sei fazer na vida: representar, dançar e cantar. Gosto dessa versatilidade, gosto de ser puxada para vários campos e de os interligar.”

Ver crítica de discos págs. 28 e segs.